

Ditongos, tritongos e hiatos - Intuição e propostas de divisão silábica (trabalho com crianças dos 10 aos 13 anos em PE)

Susana Cabeleira, Susana Correia
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Introdução

Dentro de várias perspectivas e de um modo global, pode dizer-se que a sílaba tem sido tratada de duas maneiras:

- 1) como uma realidade fonética, possuindo determinadas características físico-articulatórias que os falantes reconhecem;
- 2) como uma entidade abstracta (fonológica), da qual os falantes têm consciência.

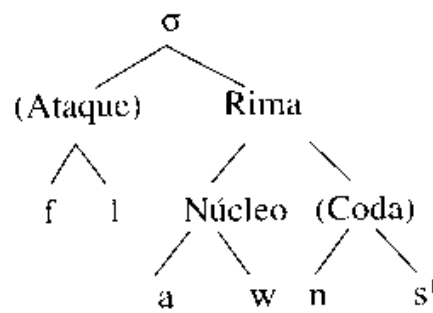
Dentro da perspectiva da gramática tradicional, a sílaba é definida como “cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração”. Do ponto de vista do estruturalismo, considera-se que são as vogais que definem e delimitam a unidade sílaba. Para haver uma sílaba é necessária, pelo menos, uma vogal. Mattoso Câmara (1970), por exemplo, defende que acima de tudo a sílaba é um “elemento funcional” que, graças às suas características físicas, permite o reconhecimento das palavras.

Ambas as concepções (tradicional e estruturalista) podem trazer problemas, visto que, por exemplo, numa palavra como *beterraba* [btRáβɐ], dificilmente se percebe onde começa e termina a primeira sílaba dada a ausência de vogais fonéticas. A maioria dos falantes, no entanto, terá poucas dúvidas em reconhecer que *beterraba* é uma palavra com 4 sílabas.

No modelo da fonologia generativa clássica, as referências à sílaba são praticamente inexistentes. Esta teoria dá primazia ao nível segmental e à formalização de regras que dão conta dos processos fonológicos ocorridos exclusivamente a esse nível.

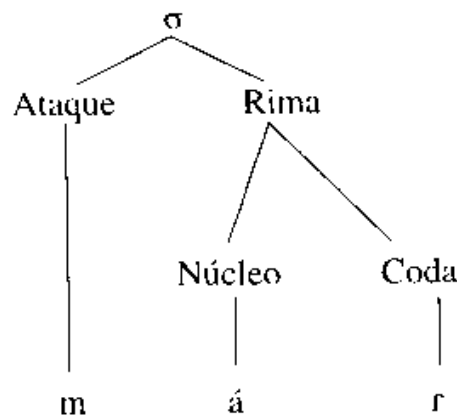
No modelo da fonologia generativa multi-linear e da teoria da sílaba de Ataque-Rima (Selkirk 1982 e 1984) este constituinte prosódico é representado formalmente do seguinte modo:

(1) *Flounce* [flaʊns]



No Português Europeu² o modelo pode ser aplicado da mesma forma numa palavra como *mar*.

(2) *Mar* [már]



Aplicando este modelo e esta formalização, vários autores propuseram representações para os ditongos em PE (Andrade & Viana 1993, Cavaco-Miguel 1993, Mateus 1994, Mateus e Andrade 2000) e em Português do Brasil³ (Bisol 1994 e Collischonn 1996), associando a semivogal fonética ora ao Ataque ora ao Núcleo, não havendo consenso nesta matéria.

1. Objectivo

No seguimento das abordagens mencionadas e considerando as duas possibilidades de tratar a sílaba (como realidade fonética e como entidade abstracta), este trabalho tem como objectivo geral fornecer dados baseados numa avaliação perceptiva de sequências de ditongos crescentes e decrescentes, tritongos e hiatos⁴, de modo a trazer evidências para futuras análises no âmbito da teoria da sílaba.

A seguir apresentam-se exemplos de palavras para cada tipologia de sequências silábicas analisadas:

¹ Entre parênteses estão representados os elementos opcionais.

² Doravante PE.

³ Doravante PB.

⁴ Para uma maior simplificação e clareza dos conteúdos adoptam-se os termos da gramática tradicional.

Ditongos crescentes ([GV])

(3) petróleo, confiar, coelho, cianeto;

Ditongos decrescentes ([VG])

(4) vai, saudade;

Tritongos ([VGV] e [GVG])

(5) saia, ensaiar, cieiro;

Hiatos ([VV])

(6) rua.

2. Problema e hipóteses

Delgado-Martins (1983), *apud* Barbeiro (1986), refere que «há experiências que mostram a importância do conhecimento da língua na divisão silábica. Têm um comportamento diferente quanto à divisão silábica os sujeitos estrangeiros desconhecedores da língua, os linguistas da língua em análise e os sujeitos falantes da língua, mas sem conhecimento das questões linguísticas». Para o conhecimento da língua influem factores como a idade e o nível de ensino, variáveis que consideramos neste trabalho. Partindo deste pressuposto, pareceu-nos interessante verificar até que ponto o conhecimento explícito da língua nos dois grupos de falantes (que frequentam diferentes níveis de ensino) tem influência no conhecimento implícito e vice-versa. Estando os dois grupos a meio do percurso escolar, pode haver, todavia, algumas diferenças entre eles, as quais julgamos ser importante realçar. Acrescente-se ainda que diferentes experiências linguísticas podem ser reveladoras de diferentes estádios de desenvolvimento e representação de uma mesma estrutura.

Perante sequências de divisão silábica problemática, a questão que colocamos é a de saber como são percebidas essas sequências no PE por crianças em diferentes níveis de ensino e diferentes abordagens de explicitação do conhecimento linguístico. Assim sendo, apresentam-se duas hipóteses:

- 1 – A estrutura silábica é percebida da mesma forma nos dois grupos (grupo A – alunos do 5º ano de escolaridade do Ensino Básico⁵; grupo B – alunos do 8º ano de escolaridade do EB) de crianças analisados.
- 2 – A estrutura silábica é percebida de várias formas diferentes nos dois grupos de crianças analisados.

3. Metodologia

Os sujeitos escolhidos – todos falantes do português padrão – pertencem a duas faixas etárias distintas, sendo que os do grupo A, alunos do 5º ano do EB, têm idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos e os do grupo B, alunos do 8º ano do EB, têm idades

⁵ A partir daqui designado por EB.

compreendidas entre os 13 e os 15 anos. Todos eles, 10 de cada ano, foram escolhidos aleatoriamente de entre um conjunto de alunos de aproveitamento médio.

Os alunos foram submetidos individualmente à audição de uma gravação contendo 43 palavras de silabificação problemática, ditas por um indivíduo adulto do sexo masculino. Sem contacto visual com as palavras, foi pedido aos alunos que dissessem o número de sílabas e qual a divisão silábica das palavras que ouviam. As respostas foram anotadas num formulário previamente construído. Os dados foram tratados numa folha de cálculo em formato *Excel* e para análise foram apenas consideradas as percentagens mais elevadas, como se explica no exemplo seguinte, no círculo preenchido a cinzento.

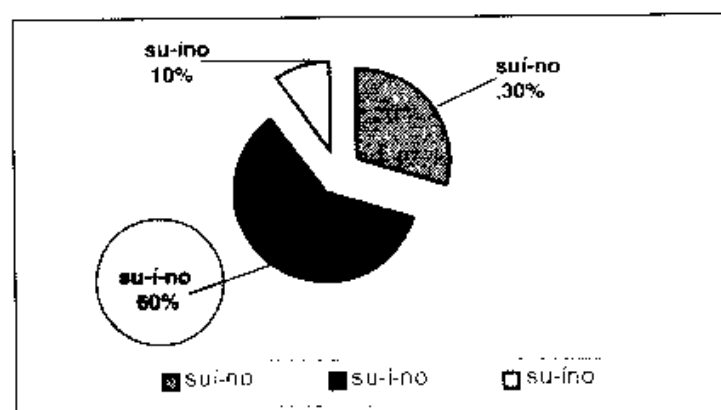


Figura 1 – percentagens consideradas na análise dos dados.

4. Corpus

O conjunto de palavras que constituem o *corpus* apresenta diferenças estruturais entre si. Dentro de cada grupo principal (ditongos⁶, tritongos e hiatos) há vários subgrupos respeitantes às diferentes constituições silábicas e segmentais do PE.

a) Ditongos crescentes

Grupo i)	Grupo ii)	Grupo iii)
«falsas esdrúxulas» ([+ac] \$ V [+alt] V) (pós-tónicos)	(V[+alt]V[±alt]\$V [+ac]) (pré-tónicos)	(V[+alt]V[+ac]) (tónicos)
<i>petróleo, canário, ardósia, contínua</i>	<i>cianeto, realeza, miudeza, suinicultura, voador</i>	<i>confiar, luar, pior, frieza, viés, miúdo, suíno, suor, voou, cuecas, coelho</i>

Tabela 1

⁶ Dentro do grupo principal dos ditongos, achamos relevante fazer a divisão entre ditongos crescentes e decrescentes.

b) Ditongos decrescentes

Grupo iv) (V +ac V +alt) (tônicos) <i>vai, ribeiro, boi, Deus, céu, pautu</i>	Grupo v) (V -alt V +alt)\$ V +ac) (pré-tônicos) <i>saudade, bailado, queixume</i>
--	---

Tabela 2

c) Tritongos

Grupo vi) (V +ac V +alt V) (tônicos) <i>saia, aldeia, saloio</i>	Grupo vii) (V +alt V +ac V +alt) (tônicos) <i>cieiro, frieira, fais, fiéis, voais, cruéis, anuei</i>	Grupo viii) (VV +alt V +ac) (tônicos) <i>ensaiar, maior</i>
---	---	--

Tabela 3

d) Hiatos

Grupo ix) (V +alt, +ac V -alt) (tônicos) <i>rua, mania</i>

Tabela 4

Em todos os grupos há sempre uma vogal alta que pode ser alvo de semivocalização. Não estão, por isso, representadas todas as possibilidades fonotáticas de ditongos, tritongos ou hiatos do PE, mas apenas aquelas em que uma vogal alta pode surgir em co-ocorrência com outra(s) vogal(is) (antes ou depois).

5. Apresentação e análise dos dados

5.1. Ditongos crescentes

Os ditongos crescentes foram agrupados de 3 modos relativamente à posição do acento (cf. Tabela 1): no grupo i) o segmento que pode ser alvo de semivocalização está em

posição pós-tónica (também chamado o grupo das “falsas esdrúxulas”), aparecendo este grupo representado formalmente por [+ac]\$V[+alt]V, de que é exemplo a palavra *contínua*; no grupo ii) o segmento que pode ser alvo de semivocalização encontra-se em posição pré-tónica e apresenta-se o grupo formalmente representado como V[+alt]V[±alt]\$V [+ac], de que é exemplo a palavra *realeza*; no grupo iii) o segmento que pode ser alvo de semivocalização encontra-se imediatamente antes da vogal tónica e o grupo apresenta-se formalmente representado por V[+alt]V[+ac], aparecendo como exemplo a palavra *pior*.

No grupo i) os resultados obtidos mostram que o 5º ano apresenta elevadas percentagens de percepção de hiato, enquanto o 8º ano revela percentagens de percepção de ditongo crescente acima dos 50%.

	5º ano	8º ano
Contínua	nu-a 70%	nua 80%
Petróleo	le-o 90%	leo 60%
Canário	ri-o 90%	rio 60%
Ardósia	si-a 90%	sia 50%

Tabela 5

No grupo ii), pelo contrário, há tendência para a percepção de hiato em ambos os grupos, embora as percentagens mais elevadas surjam sempre associadas ao 5º ano. A única exceção à percepção de hiato é *suinicultura*.

	5º ano	8º ano
Realeza	re-a 90%	re-a 70%
Cianeto	ci-a 100%	ci-a 70%
Miudeza	mi-u 80%	mi-u 70%
Voador	vo-a 90%	vo-a 70%
Suinicultura	sui 70%	sui 50%

Tabela 6

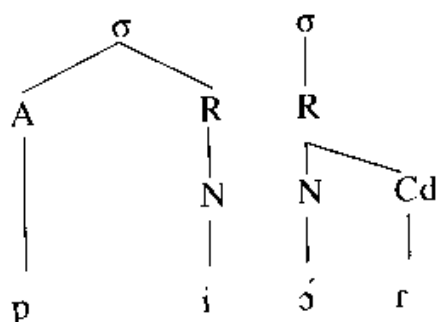
No grupo iii), à semelhança do que acontece no grupo anterior, ambos os grupos demonstram elevadas percentagens de percepção de hiato.

	5º ano	8º ano
Pior	pi-or 90%	pi-or 100%
Confiar	fi-ar 90%	fi-ar 90%
Luar	lu-ar 80%	lu-ar 90%
Frieza	fri-e 100%	fri-e 80%
Viés	vi-és 90%	vi-és 80%
Miúdo	mi-ú 100%	mi-ú 50%
Sufno	su-í 80%	su-í 60%
Suor	su-or 90%	su-or 80%
Vouu	vo-ou 90%	vo-ou 90%
Cuecas	cu-e 90%	cu-e 60%
Coelho	co-e 100%	co-e 50%

Tabela 7

Pela observações dos dados nota-se que o 5º ano apresenta uma preferência pelo hiato em estruturas onde poderiam ocorrer ditongos crescentes. No 8º ano observaram-se dois comportamentos: ou preferem o hiato em sílabas pré-tónicas e sempre que o acento recai na vogal imediatamente a seguir à vogal que pode sofrer semivocalização, ou preferem o ditongo crescente, no caso das «falsas esdrúxulas», em posição pós-tónica. No nível escolarizado mais avançado, a posição do acento pode ser determinante na opção ditongo crescente/hiato.

Ambos os grupos demonstram percepções semelhantes relativamente às estruturas em análise. Estes resultados reforçam a ideia de que os ditongos crescentes são estruturas marcadas da língua e abonam em favor do facto de os mesmos serem considerados falsos ditongos. De seguida apresenta-se a formalização da representação silábica deste tipo de estruturas percebida pela maior parte dos sujeitos analisados.

Figura 2 - representação silábica da palavra *pior*.

5.2. Ditongos decrescentes

Os ditongos decrescentes são divididos em 2 grupos tendo em conta a posição do acento em relação à vogal que pode sofrer semivocalização (cf. Tabela 2): no grupo iv) o segmento que pode ser alvo de semivocalização encontra-se imediatamente depois da vogal tónica, apresentando-se este grupo formalmente representado por V[+ac]V[+alt], de que é exemplo a palavra *vai*; no grupo v) o segmento que pode semivocalizar está em posição pré-tónica e o grupo é formalmente representado por V[-alt]V[+alt]\$ V[+ac], tendo como exemplo a palavra *queixume*.

Nos grupos iv) e v) os resultados são semelhantes (confirmando a hipótese 1), pois apresentam uma elevada percentagem de percepção de ditongos decrescentes, raramente percepcionando estas estruturas como hiatos (caso apenas da palavra *Deus*) e nunca as percepcionando como ditongos crescentes. Neste caso a posição do acento não se mostra relevante.

Grupo iv):

	5º ano	8º ano
Vai	vai 80%	vai 90%
Ribeiro	bei 80%	bei 70%
Boi	boi 70%	boi 90%
Deus	De-us 70%	De-us 50% / Deus 50%
Céu	céu 70%	céu 80%
Pauta	pau 80%	pau 80%

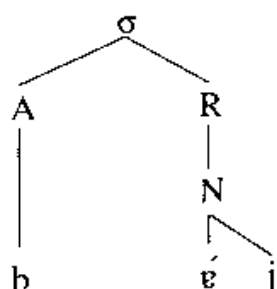
Tabela 8

Grupo v):

	5º ano	8º ano
Saudade	sau 80%	sau 90%
Bailado	bai 90%	bai 80%
Queixume	quei 100%	quei 80%

Tabela 9

Estes dados reiteram a natureza não marcada dos ditongos decrescentes por oposição aos ditongos crescentes e hiatos. De seguida apresenta-se a formalização da representação silábica deste tipo de estruturas percepcionada pela maior parte dos sujeitos analisados.

Figura 3 – representação da sílaba tónica da palavra *ribeiro*.

5.3. Tritongos

Tal como os ditongos crescentes, também os tritongos são divididos em 3 grupos (cf. Tabela 3): no grupo vi) o segmento que pode sofrer semivocalização encontra-se imediatamente depois da vogal tónica e entre duas vogais, apresentando-se este grupo formalmente representado por V[+ac]V[+alt]V, de que é exemplo a palavra *salóio*; no grupo vii) a vogal tónica é precedida e seguida de segmentos que podem semivocalizar, grupo que é representado formalmente por V[+alt]V[+ac]V[+alt] e de que é exemplo a palavra *cieiro*; por fim, no grupo viii) o segmento que pode sofrer semivocalização encontra-se imediatamente antes da vogal tónica e entre duas vogais, apresentando-se este grupo formalmente representado por VV[+alt]V[+ac], de que é exemplo a palavra *maior*.

No grupo vi) o 5º ano apresenta tendência para perceber ditongo decrescente, embora haja uma percentagem considerável que opta por separar as 3 vogais e o 8º ano oscila na percepção de ditongos decrescentes e crescentes.

	5º ano	8º ano
Salóio	loi-o 50%	loi-o 40% / lo-io 40%
Saia	sa-i-a 50%	sa-ia 40%
Aldeia	dei-a 60%	dei-a 40%

Tabela 10

No grupo vii) os resultados dos dois grupos convergem com elevadas percentagens, favorecendo a percepção de vogal seguida de ditongo decrescente.

	5º ano	8º ano
Cieiro	ci-ei 80%	ci-ei 90%
Frieira	fri-ei 90%	fri-ei 80%
Fiais	fi-ais 70%	fi-ais 80%
Fiéis	fi-éis 60%	fi-éis 100%
Voais	vo-ais 60%	vo-ais 70%
Cruéis	cru-éis 70%	cru-éis 90%
Amuei	mu-ei 90%	mu-ei 80%

Tabela 11

No grupo viii) os 5º e 8º anos revelam tendência para a percepção de ditongo decrescente seguido de vogal.

	5º ano	8º ano
Maior	mai-or 50%	mai-or 40%
Ensaíar	sai-ar 40%	sai-ar 80%

Tabela 12

Os resultados observados relativamente à percepção dos tritongos revelam, uma vez mais, o carácter não marcado dos ditongos decrescentes (cf. Figuras 4 e 5, com a formalização da representação silábica das palavras *voais* e *maior*), uma vez que há tendência para percepcionar tritongos como sequência de ditongo decrescente, antes ou depois de V, independentemente da posição do acento e da posição da vogal alta. Os ditongos decrescentes são preferidos aos hiatos e aos ditongos crescentes. Esta tendência é observada nos dois grupos.

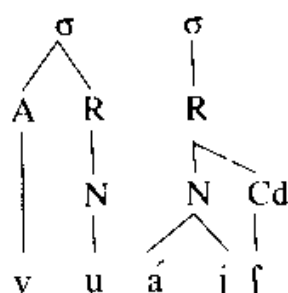


Figura 4 – representação silábica da palavra *voais*.

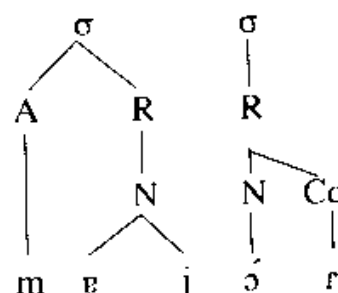


Figura 5 – representação silábica da palavra *maior*.

5.4. Hiatos

O único grupo dos hiatos, ou seja, o grupo ix), é formalmente representado por V[+alt. +ac]V[-alt], de que é exemplo a palavra *rua*. Verifica-se, então, que o 5º ano tem tendência para percepcionar o hiato e que o 8º ano oscila entre a percepção de hiato e

ditongo crescente, sendo que, por vezes, o ditongo crescente se sobrepõe ao hiato, contrariamente ao esperado.

	5º ano	8º ano
Rua	ru-a 80%	rua – 70%
Mania	ni-a 90%	ni-a 60%

Tabela 13

Relativamente ao grupo dos hiatos não há consenso entre os dois níveis de escolaridade. Apenas se pode concluir que o 5º ano apresenta maior tendência do que o 8º ano para perceber hiatos. O 8º ano não apresenta resultados muito claros em relação à percepção deste tipo de estruturas e, por este motivo, a formalização apresentada diz respeito apenas à tendência do 5º ano.

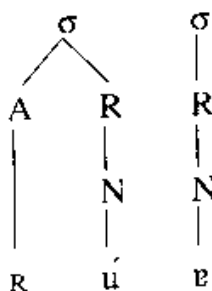


Figura 6 – representação silábica da palavra *rua*.

6. Observações finais

Após a apresentação e discussão dos resultados, é possível concluir que os ditongos decrescentes tendem a ser percebidos por ambos os grupos (5º e 8º anos) como tal, confirmando a hipótese 1. Da mesma forma, os ditongos crescentes são percebidos pelos 5º e 8º anos como hiatos (com exceção das «falsas esdrúxulas», que o 8º ano percebe como ditongos crescentes), confirmando também a hipótese 1. Os tritongos, por sua vez, são percebidos por ambos os grupos como conjunto de ditongos decrescentes precedidos ou seguidos de vogal, confirmando também a hipótese 1. Por fim, os hiatos são percebidos como tal pelo 5º ano e, por vezes, como ditongo crescente pelo 8º ano. É o único grupo, das estruturas analisadas, a confirmar a hipótese 2.

Face aos resultados, e no seguimento das predições presentes na literatura (Andrade e Viana 1993, Cavaco Miguel 1993, Bisol 1994, Mateus 1994, Mateus e Andrade 2000, entre outros), confirma-se, com base em dados experimentais, que os ditongos decrescentes são os “verdadeiros” ditongos, mostrando uma natureza não marcada, e que os ditongos crescentes, pelo contrário, apresentam instabilidade no modo como são percebidos, reiterando o seu carácter marcado no Português Europeu. Esta abordagem pode constituir um tópico de reflexão para os professores que diariamente lidam com questões ligadas à constituição e divisão silábica no ensino do Português.

Referências

- Andrade, Ernesto & Maria do Céu Viana (1993) Sinérese, diérese e estrutura silábica. In *Actas do IX Encontro Nacional da A.P.L.*
- Barbeiro, Luís (1986) *O papel da sílaba na análise dos processos fonológicos e fonéticos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bisol, Leda (1994) Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, 10 (nº especial), pp. 123-140.
- Blevins, Juliette (1995) The Syllable in Phonological Theory. In Goldsmith, John (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 206-244.
- Cavaco-Miguel, Maria Augusta (1993) Heavy diphthongs: a phonological view. In *Proceedings of the Workshop on Phonology*. Coimbra.
- Collischonn, Gisela (1996) A sílaba em português. In Bisol, Leda (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fikkert, Paula & Maria João Freitas (1997) Acquisition of Syllable Structure Constraints: evidence from Dutch and Portuguese. In *Proceedings of GALA' 97 (Generative Approaches to Language Acquisition)*. Edinburgh.
- Freitas, Maria João (1998) *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Freitas, Maria João & Ana Lúcia Santos (2001) Contar (histórias de) sílabas. *Cadernos de Língua Portuguesa 2*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- Goldsmith, John (1990) Syllable structure. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, pp. 103-168.
- Mateus, Maria Helena (1994) Ataque da sílaba em português e ditongos crescentes. In *Actas do workshop sobre fonologia*. Lisboa: A.P.L.
- Mateus, Maria Helena & Ernesto Andrade (1998) The syllable structure in European Portuguese. *D.E.L.T.A.*, 14 (1), pp. 13-32.
- Mateus, Maria Helena & Ernesto Andrade (2000). Syllable structure. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, pp 38-64 .
- Mattoso-Câmara, Joaquim (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Seguí, J., E. Dupoux & J. Mehler (1990) The role of the syllable in speech segmentation, phoneme identification and lexical access. In Altmann, G. & R. Shillcock (eds.) *Cognitive models of speech processing*. Cambridge: MIT Press.
- Selkirk, Elisabeth (1982) The syllable. In Goldsmith, John (1999) *Phonological Theory: The Essential Readings*. Massachusetts: Blackwell.
- Selkirk, Elisabeth (1984) On the major class features. In Aronoff, M. & R. Oehrle (eds.) *Language Sound Structures*. Cambridge, Massachusetts: MIT.
- Vigário, Marina & Isabel Falé (1993). A sílaba do português fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. In *Actas do IX Encontro Nacional da A.P.L.*